



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**JULIANA TATSCH MENEZES**

**PÉS CRAVADOS NO CHÃO, OLHOS VOLTADOS PARA O MUNDO: UMA  
ANÁLISE DA UNIVERSALIDADE PRESENTE NOS TEXTOS REGIONALISTAS DE  
APPARÍCIO SILVA RILLO.**

**BAGÉ**

**2013**

**JULIANA TATSCH MENEZES**

**PÉS CRAVADOS NO CHÃO, OLHOS VOLTADOS PARA O MUNDO: UMA  
ANÁLISE DA UNIVERSALIDADE PRESENTE NOS TEXTOS REGIONALISTAS DE  
APPARÍCIO SILVA RILLO.**

Trabalho de conclusão de Curso de Letras para  
obtenção do título de Licenciatura em Letras –  
Português e Respectivas Literaturas da  
Universidade Federal do Pampa.

Orientadora: Profa. Dra. Lúcia Maria Britto Corrêa

**BAGÉ**

**2013**

Dedico esse trabalho à minha família,  
meu alicerce. Dedico em especial ao meu  
filho, Gabriel

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, pelo incentivo na realização desse sonho, que é nosso. Por me amparar com seus abraços, por ser meu chão e porto seguro e por me compreender com todo o seu amor.

Ao meu amor Patrocínio, por acompanhar de perto cada passo, ser presença em todos os momentos, incentivo em todas as horas, por muitas vezes ter colocado as minhas necessidades como prioridade e, principalmente, por compreender os momentos de ausência e acreditar no meu sonho.

Aos meus irmãos e minha Dinda, por valorizarem os passos que dei nesse caminho, por demonstrarem orgulho pela minha formação e por terem dedicado para mim torcidas e orações.

À minha sogra e sogro, por segurarem minha mão durante a caminhada, amparando psicologicamente e acreditando nas minhas capacidades, muitas vezes mais que eu mesma.

À minha amiga Natália, por em vários momentos ter me lembrado os meus objetivos, trazendo-me para os meus planos e realidade. Pela amizade que transcendeu os muros da Escola e que nos construiu nesses quase 15 anos de convivência.

Às minhas professoras, em especial a Zíla, Aline Lorandi e minha orientadora Lúcia, por incentivarem minhas descobertas, exigirem o melhor de seus alunos e serem inspiração para cada um de nós. Sobretudo, por não terem feito apenas o necessário sendo, muitas vezes, a palavra certa, a compreensão e o carinho nos momentos de apreensão pelos quais todos em algum momento passamos.

Aos meus colegas Anderson, Priscila e Louise, pelo carinho e ajuda. Em especial para Liane, Jéssica e Ânderlo vocês são, com certeza, o maior presente que esse período me deu. Obrigada por estarem comigo, compartilhando os medos e angústias e tornando mais leve e feliz nossa passagem. A vocês a certeza de que nossa relação e todo o carinho que temos uns pelos outros não se esgotam aqui.

À Suzy Rillo, por ter gentilmente aberto as portas de sua casa e contribuído com materiais para esse trabalho.

Enfim, agradecer ao meu filho Gabriel. Quem por vezes me deixou com o coração apertado quando em meio ao trabalho me dizia : - mãe me dá amor? Ou quando contava para todo mundo que a mãe dele era professora, cheio de orgulho. Mesmo que hoje ele não seja capaz de dimensionar a importância disso, o desejo de ser melhor para ele, de ver o sorriso diário no seu rosto, são coisas que me estimulam todos os dias. Ao Gabriel, com todo amor, o meu muito obrigada. Desde que você entrou em minha vida ela ficou mais bonita.

Dizer-se  
que a casa está pronta  
e então habitá-la  
é como acreditar que a eternidade  
se resuma no exíguo de uma sala.

*Apparício Silva Rillo - Construção*

## RESUMO

Este trabalho tem como pretensão localizar a obra de Apparício Silva Rillo em meio à literatura regionalista sul-rio-grandense, desde o Romantismo até o início da literatura dita contemporânea. Para tanto, faremos um acompanhamento dos principais acontecimentos dentro da literatura do Rio Grande do Sul, como a criação do personagem/mito, o gaúcho, e a abertura às novas temáticas sociais e críticas apresentadas pelo período. Serve-nos de aporte teórico os estudos de Zilberman (1980), Neves (1999), Pereira (1957) e Moreira (1982), que procuram delimitar as características inerentes ao texto regionalista, como temática, linguagem e espaço. Ao apresentar o conceito de texto universal como aquele que não se esgota nele mesmo, tornando-se capaz de representar sentimentos, conflitos pessoais e experiências do humano em si, investigaremos até que ponto os textos de Rillo ultrapassam os limites do localismo e atingem a universalidade.

Palavras-chave: Literatura regionalista, conto, poesia, universalidade.

## RESUMEN

Pretendemos, en este trabajo, localizar la obra de Apparício Silva Rillo en medio a la literatura regionalista sur riograndense, desde el Romanticismo hasta el inicio de la literatura dicha contemporánea. Para ello, haremos un acompañamiento de los principales hechos dentro de la literatura de Rio Grande del Sur, como la creación del personaje/mito, el gaucho, y la abertura a las nuevas temáticas sociales y críticas presentadas por el periodo. Sirven de marco teórico los estudios de Zilberman (1980), Neves (1999), Pereira (1957) y Moreira (1982), que buscan delimitar las características inherentes al texto regionalista, como temática, lenguaje y espacio. Al presentar el concepto de texto universal como aquel que no se agota en él mismo, tornándose capaz de representar sentimientos, conflictos personales y experiencias del humano en uno mismo, investigaremos hasta qué punto los textos de Rillo ultrapasan los límites del localismo y alcanzan la universalidad.

Palabras clave: Literatura regionalista, cuento, poesía, universalidad.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 PRIMEIROS PASSOS DA LITERATURA NO RIO GRANDE DO SUL.....	13
3 A LITERATURA REGIONALITA E A UNIVERSALIDADE NO TEXTO LITERÁRIO SUL- RIO-GRANDENSE.....	15
4 APRESENTANDO APPARÍCIO SILVA RILLO.....	21
5 RILLO E A SUA LITERATURA.....	28
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	40
ANEXOS.....	42



## 1 INTRODUÇÃO

Segundo Apparício Silva Rillo em seu poema “Sucessão” (RILLO, 2005, p.66):

(...) Ser não é ter sido ou apegar-se  
ao veio e às raízes dos avós  
- é ser as ramas que brotaram deles  
para dar sombra aos que virão de nós .

Buscando um estudo dessas raízes e, quem sabe, motivar os que virão a ser ramas para os próximos, estudaremos nesse trabalho de conclusão de curso a sombra deixada para nós por Apparício Silva Rillo.

Rillo nasceu em Porto Alegre em 1931<sup>1</sup>, devotou boa parte de seus estudos aos números, mas por dedicação e amor às letras iniciou cedo a escrever e investir em boas leituras. Passeou não somente por uma variedade de gêneros literários como o conto, causo, poesia, romance, como também investiu seu talento no teatro, na pesquisa folclórica e na música, sendo a última reconhecida e premiada nos maiores festivais da canção nativista do Estado.

Ficou evidente por meio de nossas pesquisas que poucos trabalhos acadêmicos têm a obra literária de Rillo como principal objeto de análise, relegando o seu estudo, na grande maioria das vezes, aos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs). Por percebermos o pouco espaço dedicado à pesquisa de sua escrita nos meios acadêmicos, já que os nomes mais focados, quando tratamos de autores gaúchos, são os de Érico Veríssimo, Simões Lopes Neto, Caio Fernando Abreu entre outros, justificamos e consideramos como relevante a escolha desse autor para nosso trabalho.

Este estudo pretende, ao acompanhar o desenvolvimento do Regionalismo na literatura sul-rio-grandense desde o Romantismo até o início da literatura dita como contemporânea, localizar a obra de Rillo. Com esse objetivo, serão abrangidas as características principais da literatura regionalista, assim como as características que imprimem em no texto literário a universalidade. Teremos o apoio de teóricos e

---

<sup>1</sup> Biografia encontrada em: RILLO, Apparício Silva. *30 anos de poesia*. Porto Alegre: Tchê, 1986.

suas incursões, mesmo que diferenciadas, pelo interesse em decifrar os caminhos contraditórios do Regionalismo.

Para isso, no segundo capítulo, apresentaremos os primeiros passos da literatura no Rio Grande do Sul. Segundo Zilberman (1980, p.11), os primeiros textos literários sulinos surgiram em meio à necessidade de catalogar os feitos históricos do homem do pampa. Deficientes de locais para a publicação desses textos, os jornais da época serviram como principal meio de divulgação. Assim, deu-se a escolha primeiramente pelos versos, pois esses ocupavam menos espaço nos periódicos. Zilberman (1980, p.12), porém, considera que a literatura até esse momento foi pouco significativa e que a sua sistematização e constituição como tal veio juntamente com a criação da Sociedade Partenon Literário em 1868.

No terceiro capítulo, buscaremos apresentar as características do Regionalismo sul-rio-grandense e quais foram as modificações no decorrer dos anos na estrutura da literatura regionalista do Estado. Essas modificações podem ser observadas na divisão em, no mínimo, quatro fases do regionalismo sul-rio-grandense, Neves (1999, p.21), e que serão adotadas por nós para esse estudo. Conforme a autora, a primeira fase deu-se no período Romântico, nesse momento existia a necessidade de fixar os tipos e o espaço gaúcho. Para isso foram cometidos certos exageros por parte dos escritores empenhados nessa função, dentre eles o descritivismo, abandonando por muitas vezes a ação em prol da descrição da paisagem. Quanto a essa produção Pereira (1957,p.180) diz que:

Há na sua atitude alguma da coisa do turista ansioso por descobrir os encantos peculiares de cada lugar que visita, sempre pronto a extasiar-se ante as novidades e a exagerar-lhes o alcance.

Mais do que isso, é nessa fase que temos como origem o mito do gaúcho, o herói e guerreiro, que acabou por fazer parte da identidade cultural do Estado, influenciando não somente a literatura, mas também vários dos movimentos culturais e sociais posteriores.

A segunda fase, para Neves (1999, p.21), seria uma fase tradicional em que temos o grande marco da literatura regionalista sul-rio-grandense, a publicação de “Contos Gauchescos” em 1912 e “Lendas do Sul” em 1913 por Simões Lopes Neto.

Na terceira fase surge a proposta de transformar o regionalismo sob o lampejo do modernismo. Dentre as anteriores, a quarta fase é a que apresenta modificações mais significativas. Nela vemos a descentralização do espaço da campanha sendo acompanhado de um regionalismo social e crítico e de um texto que representa o processo de urbanização do Estado.

Neves (1999, p.19), diz, ainda, que essas fases são mais perceptíveis no conto, visto que o romance e a poesia tiveram influência mais expressiva dos períodos literários pelos quais passaram.

Sobre o que seria um texto regionalista e suas características, de uma maneira geral, Pereira (1957, p.179) diz que só é possível considerar um texto de fato regionalista se esse tiver como fim fixar os tipos, costumes, linguagem local e cuja ação se desenrole em ambientes em que os hábitos e costumes se diferenciem da “civilização niveladora”, sendo que na ausência de tais elementos o conteúdo acaba por perder em significação.

Quanto ao regionalismo sul-rio-grandense, Moreira (1982, p.34) cita como principal característica do regionalismo sulino o espaço, sendo esse representado pela região da “campanha”. Essa região é responsável pelo sentimento telúrico que carrega o homem nascido em seu interior. Esse apego à terra, ao espaço exterior, influenciou diretamente na criação do personagem/mito do gaúcho para a autora.

Zilberman (1980, p.35) defende, assim como Pereira (1957), que o regionalismo é marcado por dois fatores: o tipo humano e o espaço, porém acrescenta que no regionalismo sul-rio-grandense existe ainda o emprego de um terceiro fator que seria a marca de um determinado tempo histórico, ligado principalmente à formação do Estado.

No capítulo quatro construiremos a biografia de Rillo apoiados em documentos e registros jornalísticos, disponibilizados em sua biblioteca pessoal e que constam em anexo nesse trabalho, nos estudos de Scalco (2010) e na biografia encontrada em “30 anos de poesia” (1986).

Na sequência, no capítulo cinco, analisaremos poemas, “causos” e contos das obras, “São Borja aqui te canto” (1970), “Caminhos de Viramundo” (1979), “Doze mil rapaduras e outros poemas”, “Rapa de Tacho I” (1982) e “Rem-rem da faca na pedra” (1990). Para essas escolhas nos apoiamos aos estudos de Bertussi (1997),

uns dos poucos estudos que conta com um capítulo dedicado a Rillo. Utilizaremos para essa análise os conceitos de literatura regionalista e universal que serão pormenorizados no decorrer do trabalho.

Relacionando o universal com o regional, Pereira (1957) declara que o importante, na verdade indispensável, ao avaliarmos o texto literário é:

a sua capacidade de, lidando com elementos locais, atingir o universal, que se mede o seu valor; importa não é que os nativos se reconheçam no retrato, mas que o retrato impressione aos que ignoram os modelos, faça-os penetrar num mundo novo. (p.215)

É justamente essa capacidade que procuraremos avaliar no texto de Rillo. Se, apesar de seu texto ter características regionalistas, como a linguagem e “cor local”, as paisagens e o homem gaúcho, o autor consegue por meio dessas imagens típicas e ímpares do Rio Grande do Sul, desenhar o homem que está no interior dessa figura gaúcha e, desta forma, expor os sentimentos e experiências que não são típicos apenas desse homem, mas de todo o homem.

Objetivamos, também, com esse estudo que seja feito um resgate da literatura de Rillo e que assim, futuramente, seu nome seja lembrado para a elaboração de artigos, trabalhos e pesquisas mais aprofundadas dentro da academia sobre as obras publicadas pelo autor.

## 2 PRIMEIROS PASSOS DA LITERATURA NO RIO GRANDE DO SUL

As primeiras manifestações literárias no Rio Grande do Sul iniciaram, segundo Zilberman (1980), durante a Revolução Farroupilha<sup>2</sup> com a publicação dos primeiros jornais. Neles ficaram registrados alguns textos com o objetivo de celebrar os feitos guerreiros dos Farroupilhas.

Em 1847, José Antônio do Vale Caldre e Fião escreve o primeiro romance sul-rio-grandense, “A Divina Pastora”. Após, em 1851, Caldre e Fião publica “O Corsário”, em que inclui algumas variedades dialetais do Rio Grande do Sul e utiliza o personagem histórico de Bento Gonçalves, morto em 1846, como personagem de seu romance dando-lhe *status* de “gigante”.

Essas manifestações, porém, deram-se de forma esparsa e pouco significativa. Em parte, essa desorganização deve-se ao momento histórico vivido no Rio Grande do Sul, em meio a guerras e à insegurança quanto ao seu lugar em meio à nação. Importa enfatizar a distância geográfica do meio em que ocorriam as decisões políticas. No Estado estavam ausentes as ferramentas para a divulgação da produção literária, bem como havia pouca estrutura educacional. Esses elementos contribuíram para a lentidão do desenvolvimento de uma literatura no Rio Grande do Sul, diferentemente de outros Estados como o Rio de Janeiro, na época, mais urbanizados e desenvolvidos em termos culturais, cujas “diretrizes poéticas” serviram durante algum tempo ao fazer literário sul-rio-grandense, conforme Zilberman (1980).

A realidade, que pouco auxiliava a produção literária no Estado, fez com que os intelectuais ligados às letras encontrassem nos jornais literários seus primeiros instrumentos de divulgação, como os periódicos “Arcádia”, em Rio Grande e, em Porto Alegre, a “Revista Mensal” e “Murmúrios do Guaíba”<sup>3</sup> publicados a partir de 1860.

---

<sup>2</sup> Guerra regional com o intuito separatista contra o governo imperialista (1835-1845). Mais sobre o tema em: PASAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. 4ªed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

<sup>3</sup> Dados encontrados em: ZILBERMAN, Regina. *A Literatura no Rio Grande do Sul*. 2ª série. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1980.

Com o advento da Sociedade Partenon Literário em 1868, sob o incentivo de Apolinário Porto Alegre e outros agremiados como Múcio Teixeira, Taveira Junior, Luciana de Abreu e Lobo da Costa, Caldre e Fião entre outros, o Estado tem um marco literário inicial. De acordo com Zilberman (1980):

Foram eles que ativaram o meio intelectual, discutindo idéias e atuando em distintos campos literários. E foram os temas sobre os quais escreveram que determinaram as principais linhas da produção poética local. (p.35)

O fazer literário do Partenon não esteve restrito somente a Porto Alegre, mas também contou com a participação de sócios em outras cidades da província, contribuindo, durante os aproximadamente 10 anos em que atuaram, para a formação de uma literatura com características e diretrizes próprias. Mais do que estudar e produzir literatura o Partenon envolveu-se em questões sociais, conforme a tese de Moreira (1982).

Seus agremiados, que não se constituíam somente de homens de letras, usaram da tribuna e da revista para defender temas como a abolição da escravatura, a república, a liberdade de ensino e a *tarefa patriótica de educar a mulher*<sup>4</sup>.(p.24)

Como dito anteriormente, a Sociedade Partenon Literário não tinha pretensões somente voltadas à literatura e aproveitou-se do grupo formado para discutir questões sociais de cunho liberal e abolicionista que foram traduzidas em seus textos. Inspirados pelo tom nacionalista do Romantismo brasileiro, que nessa época iniciava seu declínio nos demais Estados, se propuseram a “fixar as peculiaridades locais”, (MOREIRA,1982, p.25), porém sem utilizar os temas da “campanha” para se definirem, mas objetivando a sua independência literária.

---

<sup>4</sup> Grifo do autor

### 3 A LITERATURA REGIONALITA E A UNIVERSALIDADE NO TEXTO LITERÁRIO SUL- RIO-GRANDENSE

Antes de iniciarmos a discussão sobre como o Regionalismo está representado na literatura sul-rio-grandense, suas temáticas, personagens e paisagens, cabe definirmos o que é o Regionalismo. Sobre o movimento que traduz as peculiaridades locais, Lúcia Miguel Pereira (1957) diz:

Só lhe pertencem de pleno direito as obras cujo fim primordial fôr a fixação de tipos, costumes e linguagem locais, cujo conteúdo perderia significação sem êsses elementos exteriores, e que se passem em ambientes onde os hábitos e estilos de vida se diferenciem dos que imprime a civilização niveladora. Assim entendido, no início do período aqui estudado, o regionalismo se limita e se vincula ao ruralismo e ao provincialismo, tendo por principal atributo o pitoresco, o que se convencionou chamar de “côr local”. (p.179)

Conforme Zilberman (1982), o Regionalismo sul- rio-grandense está atrelado ao cancionero popular. Esse período, representado pela literatura oral, é anterior à chegada dos imigrantes alemães (1824) e italianos (1875), sendo caracterizado pela produção não-intelectualizada, anônima e cujos ideais representavam a coletividade, segundo Bertussi (1997). É desse período que descende a nossa poesia.

Os versos foram as primeiras manifestações literárias do Estado, visto que poderiam ser declamados facilmente, ou publicados em pequenos espaços nos jornais, além de terem um maior apelo popular. A justificativa para o trabalho maior com os versos inicialmente deve-se ao fato de que a literatura no Estado careceu por muito tempo de meios para a sua publicação, por isso teve que “adaptar” a sua escrita aos meios de comunicação existentes na época.

Segundo a tese de Neves (1999, p.19), a poesia e o romance, porém, moldaram-se aos novos estilos literários que vieram na sequência do Romantismo, demonstrando um processo contínuo. Sob a influência do Modernismo a poesia apresentou suas mudanças mais significativas, investindo em diferentes formas, debruçando-se sobre novas temáticas e utilizando uma linguagem mais coloquial, assim como acontecia em outras regiões do país.

Enquanto os gêneros citados anteriormente, romance e poesia, apresentaram grandes modificações quanto à temática e à forma, inspirados pelos períodos literários pelos quais passaram, o conto manteve-se até a década de 50 pouco alterado. Apresentou, apenas, pequenas nuances desses períodos, preservando o núcleo da literatura regionalista sul-rio-grandense: o “Gaúcho”, principal personagem, e a “Campanha”, paisagem ficcional. Para Neves (1999, p.19), a preservação da temática local no conto, tornou esse aquele que mais contribuiu com o regionalismo.

Essas nuances inspiradas pelo Romantismo, Naturalismo e Modernismo fizeram com que, segundo Neves (1999, p.21), o regionalismo sul-rio-grandense apresentasse no mínimo quatro fases: Primeira fase no período Romântico; a segunda seria tradicional; a terceira fase propôs transformar o regionalismo sob o lampejo do modernismo e a quarta fase, que apresentou um regionalismo social e crítico juntamente com a convivência das tradicionais formas regionalistas e de um texto que representa o processo de urbanização do Estado.

Durante o período Romântico os textos literários produzidos no Rio Grande do Sul seguiram o que havia acontecido nos demais Estados brasileiros: a busca pelas raízes e pela cultura local, questões que aparecem nos textos dos precursores da literatura sul-rio-grandense, o Partenon Literário. Para tanto, houve a necessidade de eleger um representante, assim como o índio e o negro que tornaram-se símbolos da brasilidade, a literatura no Estado escolheu o “Gaúcho” como mito.

Importante é ressaltar que o processo de idealização, da criação do mito, está associado à história do período, bem como à paisagem local, como Zilberman (1980) afirma. O momento de guerras com o objetivo de assentar as fronteiras do Estado e os 10 anos de duração da Guerra dos Farrapos, o período de insegurança, não somente necessitava de heróis como inspirava a criação do “Gaúcho” retratado como guerreiro, homem de valor, o “monarca das coxílias” ou “centauro dos pampas”. Essa mesma abordagem ocorreu com a paisagem. O pampa por ser região de fronteira tornou-se palco das maiores batalhas no Rio Grande do Sul, com suas planícies pouco habitadas e campos vastos em pastagens. Foi o espaço do desenrolar de quase todos os atos decisivos da história do Estado, com isso o



homem que “faz a história” não poderia estar longe, ou representar sem o apoio da “terra dos feitos históricos”.

Ambos, o personagem e a paisagem sul-rio-grandense, foram pouco a pouco fixando-se no imaginário popular ganhando *status* de nossa origem cultural. A literatura desse período, portanto, enfatizou a “cor local”, os costumes, os tipos e a linguagem utilizada pelo homem do pampa.

Porém a intenção de conservar as peculiaridades da sociedade e da geografia do Rio Grande do Sul fez com que os escritores cometessem alguns excessos, como o descritivismo. À paisagem, por muitas vezes, são dedicados vários momentos das narrativas para pormenorizar o seu espaço. Em alguns textos esse detalhamento em excesso aparece na apresentação de uma figueira no campo, o sol batendo em suas folhas, o galpão, uma tapera, um sítio, fixando as imagens como em uma fotografia. Segundo a tese de Moreira (1982):

Constata-se a capacidade de descrição dos Autores que, abandonando a narração, voltam-se unicamente para a paisagem, como se nela não existisse o homem, a ação, resultando verdadeiras cenas estáticas. (p.37)

O excesso descritivo juntamente com a imagem criada do gaúcho, por vezes a utilização de uma linguagem estereotipada, limitou e deu ares artificiais às narrativas, distanciando-as do homem do campo e das suas reais lutas diárias.

Para Neves (1999, p.23), a segunda fase regionalista, posterior a que coincidiu com o Romantismo, seria uma fase tradicional. No início do século XX, na obra “Recordações gaúchas” de Luís de Araujo Filho é possível perceber a ausência dos excessos vistos anteriormente em relação aos ornamentos à imagem do “homem do pampa”. Porém, inspirada pelo naturalismo, a literatura do Rio Grande do Sul não abriu mão do descritivismo, que seguiu aparecendo como forma de documentar a sociedade da época.

Apesar do que havia sido feito até o momento, é com as publicações de “Contos Gauchescos” em 1912 e com “Lendas do Sul” em 1913 que temos a consolidação do conto regionalista no Estado. A terceira fase regionalista inicia sob a égide do Modernismo, e mesmo que momentaneamente tenha se pensado que as

narrativas regionalistas seriam relegadas, o que vemos é a reedição de “Contos gauchescos” em 1926, 4 anos após a Semana da Arte Moderna.

Embora os textos de Simões Lopes Neto apresentem a característica, já citada nesse trabalho, dita limitante como o descritivismo, e a mesma temática vista em obras anteriores, é a maneira como o escritor desempenha a sua escrita que traz as modificações nesse período. Conforme Neves (1999):

A utilização do mito do gaúcho ganha um tratamento poético, diverso de um emprego puramente ideológico; da mesma forma, a presença de quadros descritivos aparentemente naturalistas está sempre relacionada a um destino individual, do personagem ou mesmo do narrador Blau Nunes, ou seja, a “mancha” descritiva não vale por si só, mas desempenha uma função específica dentro da narrativa. (p.26)

Com “Contos Gauchescos”, Simões Lopes dispõe uma carga de valores e bravura à imagem do peão de estância, é a ele, e não ao gaúcho proprietário de terras, a quem entrega o poder de herói e a capacidade de perceber a fraqueza dos grandes (NEVES, 1999, p.27).

Segundo Neves (1999, p.31), a década de 30 apresenta a queda do conto regionalista no Estado. E, nesse mesmo momento, acontece a ascensão do romance, assim como na esfera nacional com o chamado “Romance de 30”. O conto passa então por uma fase intervalar que duraria 30 anos. Durante esse período o conto regionalista sul-rio-grandense convive com o início da presença do tema urbano em suas narrativas.

Cyro Martins, Pedro Wayne, Aureliano de Figueiredo Pinto que possuem textos publicados em 1935 e 1945, conforme Zilberman (1980), começam a apresentar essa expansão da temática. Esses autores recuperam as características regionalistas utilizadas no Rio Grande do Sul, porém desvinculam-se em suas narrativas do “ufanismo gauchesco, sepultando a índole festiva em troca da expressão da desigualdade social”, Zilberman (1980, p. 68).

Esses escritores podem ser localizados nessa possível 4ª fase regionalista, visto que é onde se concentram as mudanças mais evidentes. O regionalismo passa a ser crítico, desvincula-se da “obrigação” de apresentar os valores do homem do pampa. Nesse momento é possível perceber a crítica à desestruturação da

sociedade campeira, e o começo da inclusão do espaço urbano e de temáticas diferenciadas. É então melhor denominada como uma fase de transição, já que nela ainda convivem o apego às formas regionalistas tradicionais e as novas temáticas urbanas.

Assim como classificar um texto de regionalista apresenta certa dificuldade devido à grande divergência entre as teorias existentes, essa dificuldade aparece, também, ao tentarmos conceituar o que é o universal em um texto.

Segundo Pozenato (1974, p.17), um erro comum quando tratamos de literatura regional e universal é julgar que uma é oposta a outra e que, para atingir a universalidade em um texto, o regionalismo deva ser “superado”. Conforme o autor, o termo que melhor se oporia à literatura universal é o “particular” e não propriamente o texto regionalista. Isso aconteceria tendo em vista que o particular não seria capaz de promover relações com o que é exterior a ele, não sendo, assim, meio de significação e aproximação de sentidos com a realidade humana.

Na literatura regionalista sul-rio-grandense o “particular” está impresso nas primeiras narrativas, em que o espaço e o gaúcho foram mitificados. As narrativas desse período inicial do regionalismo tinham como maior preocupação a fixação do local e do tipo gaúcho. Com esse objetivo, muitos autores do período utilizaram de modo exagerado o descritivismo, bem como a linguagem estereotipada, como vimos anteriormente. Essas narrativas seriam de difícil interpretação para o leitor atual, mesmo os sul-rio-grandenses, pois a realidade apresentada naqueles textos hoje não os representaria mais.

Corroborando com Pozenato (1974) o fato de termos na literatura nacional nomes como o de Guimarães Rosa e, no Rio Grande do Sul, o de Simões Lopes Neto, que foram capazes, através da linguagem e preocupação poética, de ultrapassar os limites do localismo.

Rodrigues (2012, p.67) ao falar sobre os textos de Simões Lopes Neto, aponta que o livro “Contos Gauchescos” (1912) estabelece forte conexão com o universal. Essas conexões ficam claras pela capacidade de “rompimento com o tempo e o espaço, criando um mundo simbólico capaz de representar o ser humano em toda a sua amplitude”. Para Luiz Marobin (1985, p.143), o universal está na

“necessidade de extrapolação, com a consciência dos problemas universais do homem da região e do homem de todos os tempos”.

Entendemos, então, como universal um texto que não se esgota nele mesmo. Mesmo que, ao utilizar personagens e o espaço local, narrar os tipos, trejeitos e utilizar linguagem que reflita uma localidade definida, essas serviriam apenas como plano de fundo para a temática e experimentação que transcendam o regional. A universalidade em um texto está na capacidade de representação dos sentimentos, conflitos pessoais e experiências do humano em si, de tudo que está presente em nós, consciente ou inconscientemente, aquilo que nos desacomoda e modifica, ou que nos aproxima enquanto humanidade e que, portanto, independem do espaço ou do tempo em que é narrada a história.

#### 4 APRESENTANDO APPARÍCIO SILVA RILLO

Apparício Silva Rillo é um importante nome na literatura do Rio Grande do Sul. Sua escrita abrange diferentes gêneros como a poesia, os contos/causos, crônicas, textos para o teatro, estudos sobre o folclore gaúcho e a música, sendo essa última, sua produção mais conhecida e reconhecida no Estado.

Rillo nasceu em Porto Alegre em 08 de agosto de 1931. Apesar de seus pais o engenheiro agrônomo e zootecnista Marciano de Oliveira Rillo e de Lélia Silva Rillo viverem em Guaíba, escolheram a capital, com melhores recursos médicos, para o nascimento do primeiro filho, (RILLO, 1986).

O autor viveu até os 9 anos em Guaíba, mas em decorrência da nomeação do pai como diretor do Campo Experimental de Sementes, logo após a grande enchente de 1941 que assolou todo o estado do Rio Grande do Sul, deixando Porto Alegre e arredores com aproximadamente 80 mil desabrigados<sup>5</sup>, a família mudou-se para Capela de Sant'Anna, interior do município de Caí.

Em sua biografia encontrada no livro “30 anos de poesia” (1986) diz que foram justamente os anos vivenciados no interior da cidade de Caí que serviram de iniciação aos costumes “campeiros”, que mais tarde apareceriam como tema recorrente em sua obra.

Desse contato com os hábitos campeiros comuns aos homens que trabalhavam no Posto de Sementes, das conversas com os peões encarregados das tarefas diárias, nasceu-lhe o gosto, que já vinha de berço (o pai era filho de estancieiro), pelos costumes mais autênticos da vida rural gaúcha. De Capela e desse tempo ficou-lhe o embrião de que surgiria mais tarde - flor agreste - a poesia de cunho regionalista. (RILLO, 1986, in: Biografia, retirada do site Página do Gaúcho<sup>6</sup>)

Cursou o Ginásio São Jacob em Novo Hamburgo. Durante os 4 anos como interno (completou seus estudos em 1946, aos 15 anos), no espaço das suas horas de lazer, aprofundou suas leituras e escreveu seus primeiros versos.

---

<sup>5</sup> A grande enchente de 1941 deixou aproximadamente 25 mil quilômetros quadrados do Estado do Rio Grande do Sul submersos e é considerada uma das maiores calamidades naturais enfrentadas no Estado. (PESAVENTO, 1985, p.115)

<sup>6</sup> Biografia de Rillo encontra da em: <http://www.paginadogaicho.com.br/escr/asr-bio.htm>

Em 1947 frequentou o curso científico em Porto Alegre. Abandonou o curso em um ano mudando-se, juntamente com seus pais, para Ijuí onde iniciou o de Técnico em Contabilidade.

Rillo, então, mudou-se novamente para sua cidade natal Porto Alegre. Estudando e trabalhando na capital, o autor começa a se revelar, tendo publicado seus poemas em jornais e revistas, não apenas regionais, mas até mesmo no centro do país.

Fazendo o caminho contrário à época<sup>7</sup>, Apparício descobre uma vaga para contabilista em Nhu-Porã, já noivo de Susy Maciel de Araujo, sai da capital do Estado rumo ao interior de São Borja, chegando em sua nova cidade em outubro de 1953. Em Nhu- Porã, o Escritor volta à convivência com sujeitos bem peculiares do interior do Rio Grande do Sul e seus costumes, assim como é citado em sua biografia em “30 anos de poesia” (1986).

Vivenciou o dia-a-dia dessa gente, seus hábitos e costumes; aprendeu a selecionar lã, couros e peles; escutou centenas de histórias; divertiu-se com as patacoadas dos campeiros; tornou-se aficionado da carreira de retas e do jogo de truco, em que foi hábil atirador. Em suma, adaptou-se rapidamente ao modo de vida da Nhu-Porã daquele tempo, a ponto de considerar-se "como nascido ali". (RILLO, 1986, in: Biografia, Retirado do site Página do Gaúcho)

Foi nesse ambiente que Rillo viveu por cinco anos e foi nele que o escritor encontrou inspiração para escrever sua primeira peça de teatro em 1956 “Domingo no bolicho”<sup>8</sup>, que foi apresentada no interior do estado e também na Capital. Em Nhu-Porã, ao lado de Telmo de Lima Freitas, fundou o Centro de Tradições Gauchas “Rodeio dos 7 povos”, refletindo o movimento tradicionalista, assim como as poesias que Rillo escrevia para os jornais de Porto Alegre.

Alguns anos antes, em 1947, eclodia no Rio Grande do Sul o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG). O MTG buscava, e busca ainda hoje, alinhar as

---

<sup>7</sup> Em 1950 as dificuldades da manutenção nas lavouras, o fechamento de grandes Cooperativas no interior do Estado e o desenvolvimento da indústria nas grandes cidades, impulsionaram a migração das regiões rurais e do interior do Rio Grande do Sul para a Capital, Porto Alegre. (PESAVENTO, 1985, p.223)

<sup>8</sup> Anexo A ( foto de recorte de jornal da época tirada do acervo pessoal do autor)

características que são comuns ao homem gaúcho para que, assim, haja a preservação dos costumes e da cultura que são difundidos nos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs). É com o objetivo de reforçar o núcleo da cultura rio-grandense que o MTG surge. Esse movimento de valorização da cultura tem como marco, em 1948, a fundação do CTG 35 com Barbosa Lessa como um de seus idealizadores. Consoante o escritor, a fundação deu-se como um reflexo do abafamento das tradições pelo que “vinha de fora”:

Porto Alegre nos fascinava com seus anúncios luminosos a gás neon, Hollywood nos estonteava com a tecnocolorida beleza de Gene Tierney e as aventuras de Tyrone Power, as lojas de discos punham em nossos ouvidos as irresistíveis harmonias de Harry James e Tommie Dorsey, mas, no fundo, no fundo, preferíamos a segurança que somente nosso “pago” sabia proporcionar, na solidariedade dos amigos, na alegria de encilhar um “pingo” e no singelo convívio das rodas de “galpão”. (LESSA, 1985, p.56)

Essa necessidade de valorização da “cor local” pode ser vista na escrita de Rillo, influência do tom regionalista que pairava no estado. Ao lado de Jayme Caetano Braum e Glaucus Saraiva, sua poesia exaltava a vida campesina e os hábitos e trejeitos do homem sul-rio-grandense, e foi esse passo que colocou seu nome entre os principais escritores regionalistas do Estado.

Em 1958, Apparício muda-se com sua família para São Borja devido a perda do espaço comercial da Casa Irmãos Pozueco, local em que trabalhou por 5 anos, para as Cooperativas de lã e couro de São Borja.

Dos textos que Apparício Silva Rillo escreveu em Nhu-Porã, boa parte constituiu, mais tarde, em 1959 o livro “Cantigas do tempo velho”, editado e publicado pela editora Globo, ficando por várias semanas entre os mais vendidos da Livraria Globo em Porto Alegre. “Cantigas do tempo velho” mostra um passado e meio rural idealizado, bem como a imagem tradicional do gaúcho, um pouco da imagem que Rillo presenciou no interior e um pouco da imagem inspirada pelos movimentos tradicionalistas que invadiam o Estado. Os textos escritos no interior de São Borja também foram aproveitados em “Viola de canto largo” (1968) e “Caminhos de Viramundo” (1979).

Em 10 de março de 1962, Rillo fundou juntamente com sua esposa Susy Rillo; José Lewis Bicca e Magda Trindade Bicca; Carlos Moreno e Maria Moreno;

Pedro Fonseca Hoff e Maria Aparecida Ayub Hoff “Os Angüeras”, Grupo Amador de Arte que atuava nos mais diversos campos culturais como o teatro, a literatura regional, as pesquisas folclóricas, mas principalmente na música. Segundo Scalco em “Era uma vez um poeta...” (2010), o nome do grupo foi uma sugestão do autor:

De origem Guarani, “angüera” significa “espírito que volta” ou “alma que se devolve ao corpo”. Um pouco estranho a primeira vista, mas, logo compreensível, pois o “angüera”, antes triste e caladão, virou cantador e tocador de viola, depois que os padres das Missões o batizaram e lhe deram o nome de Generoso. Assim, na mitologia missioneira, “angüera” pode ser considerado o patrono da música e da alegria gaúcha. (p.156)

Com “Os Angüeras”, Rillo escreveu várias canções, grande parte musicada por José Lewis Bicca. Muitas dessas canções foram premiadas nos festivais de música nativista mais relevantes do Estado. Em 1971, com a música “Andarengo” inauguraram a primeira edição do reconhecido e mais antigo festival do RS, a “Califórnia da Canção Nativa” em Uruguaiana.

Pela editora “A Notícia” publica em 1970 “São Borja, Aqui Te canto.”, título em homenagem à cidade que ele adotou e pela qual foi adotado. O livro de poesia demonstra um novo olhar do poeta, que até então estava preso à literatura regionalista. Esse trabalho apresenta poesias com características diferenciadas das que o escritor utilizou em suas outras obras como, por exemplo, as formas modernistas e o uso de diálogos com um vocabulário popular, que será detidamente analisado no capítulo 5 desse trabalho.

Na década de 70 começa a colaborar com o jornal “Folha de São Borja”, inicialmente com a “Coluna Fiscal” em que auxiliava a comunidade no esclarecimento de dúvidas relacionadas aos trâmites burocráticos e econômicos, após, no caderno de variedades. Primeiramente com poemas e com o tempo passou a escrever “causos” que espelhavam o cotidiano da cidade com um jeito descontraído, misturando ficção aos acontecimentos relevantes. Mas foi quando o “folhetim-variedades” passou a chamar-se “Da minha Janela” que Apparício pode exercitar e experimentar melhor a sua escrita, retratando também o contexto político do Estado, do país e do mundo, segundo o artigo de Rocha e Aristelo (2009).



Rillo também contribuiu para o enriquecimento da música popular gauchesca ao fundar, junto com “Os Angüeras”, o “Festival da Barranca”<sup>9</sup> em 1972, em São Borja, sendo até a sua morte, um dos seus maiores incentivadores. A proposta do festival era original. O festival foi projetado em uma pescaria de amigos durante a semana santa acampados à beira do Rio Uruguai e reúne, até hoje, não somente pessoas relacionadas à música como os Fagundes, mas artistas plásticos, poetas e outros envolvidos com a cultura, porém somente homens. A eles é dado um tema para que escrevam uma canção que no último dia de acampamento é apresentada e assim é escolhida a melhor<sup>10</sup>.

No ano em que publica “Caminhos de Viramundo”, 1979, funda juntamente com o grupo “Os Angüeras” o “Museu Ergológico da Estância”<sup>11</sup>. O museu é considerado o mais importante no Estado sobre a linha folclórica. Nele é possível encontrar cambonas (recipiente de lata para aquecer água), um galpão de estância com todos os utensílios, um carro com dois assentos, entre outros objetos que testemunham a história e a evolução da cultura gaúcha.

Apparício não teve destaque apenas na música ou em sua poesia. Em 1980, o seu trabalho como folclorista e pesquisador foi reconhecido ao receber o Prêmio da Ilha Laytano conferido à, segundo seu regulamento, mais importante obra sobre assuntos do Rio Grande do Sul lançada no biênio - no caso “Já se vieram!”- sobre a tradição, folclore e a atualidade da cancha-reta no RS, editada pelo Instituto de Tradições e Folclore do Estado do Rio Grande do Sul. Com as suas pesquisas constantes escreveu, ainda, “São Borja em perguntas e respostas”, publicado em 1982 com estudos sobre os costumes e a história da “Terra dos presidentes”, “É macho, Alumiu Pra Baixo – O jogo de osso no RS”, e a tese “O Peão de Estância e os CTGs”.

---

<sup>9</sup>Dados obtidos no site do grupo “Os Angüeras” : <http://www.angueras.com.br/>

<sup>10</sup> Nesse ano de 2013, o “Festival da Barranca” completou sua 42ª edição e contou com a presença de 300 convidados, dentre eles Nico Fagundes. A canção vencedora foi “Semente”, interpretada por Mário Barbará e por Apparício Silva Rillo Neto. Dados encontrados em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-lazer/segundo-caderno/noticia/2013/04/festival-da-barranca-reuniu-cerca-de-300-pessoas-a-beira-do-rio-uruguai-4092409.html>

<sup>11</sup>Dados obtidos no site do grupo “Os Angüeras” : <http://www.angueras.com.br/>

Rillo recebeu prêmios no âmbito nacional como o Concurso de Crônicas em 1978 e teve textos publicados internacionalmente como o conto “Bicho Tutú”, editado na Alemanha em 1991, juntamente com 37 outros grandes nomes da literatura nacional como Rubem Fonseca, Ligia Fagundes Teles, Luis Fernando Veríssimo, Moacyr Scliar e Caio Fernando Abreu<sup>12</sup>.

Em 1981 publica o livro de poesias “Pago Velho” que consoante a Bertussi (1997, p.200) é “o ponto alto de sua obra”. Pela sua contribuição à cultura e literatura do Estado nesse mesmo ano recebe uma cadeira na Academia Riograndense de Letras. Bertussi (1997), diz, ainda, que as suas obras “Itinerário de Rosa” (1983), dedicado a sua esposa Susy Rillo, e “Alma pampa” (1984) foram muito bem elaboradas, mas o amadurecimento do autor fica visível em “Doze mil rapaduras e outros poemas” (1984).

Em 1986, publica “30 anos de poesia”, seleção da melhor poesia escrita por Rillo. Após, em 1991 o autor publica “Poço de balde” considerada sua última obra poética publicada em vida, já que ainda nos anos 80 o escritor passa a dedicar-se na maior parte do tempo à experimentação na escrita de narrativas.

Como dito no princípio desse capítulo, Aparício transitou entre vários gêneros literários, entre eles a prosa. Seu primeiro livro de ficção é “Viagem ao tempo do pai” (1981), livro de contos que retratam o viver campesino.

Em 1983, Rillo publica a coletânea de causos “Rapa de Tacho<sup>13</sup>” e “Rapa de Tacho 2”, que por terem sido um grande sucesso editorial gaúcho, receberam as sequências “Rapa de Tacho 3” (1984) e “Rapa de Tacho 4” quatro anos depois em 1988. Essa distância entre a sequência três e quatro deu-se porque Rillo havia, então em 1984, decidido que não publicaria mais os “causos”, pois para ele esses não significavam um grande desafio literário, como veremos no capítulo 6, página 35.

Sua produção na área da ficção conta ainda com os contos “Dois mil dias depois” (1985), “Boca do Povo” (1987), que mistura os causos com crenças populares; “Rem-rem da faca na pedra” (1990), que trabalha com temas excêntricos

---

<sup>12</sup> Anexo B (foto da capa do livro tirada do acervo pessoal do autor)

<sup>13</sup> A série “Rapa de Tacho” será analisada mais profundamente no decorrer desse trabalho.

e não comuns em sua narrativa; e a novela “Os galos cantarão” (1992), sátira da chegada do progresso em uma vila do interior. Também publicou “Finado trançudo” (1985) que conforme analisa Bertussi (1997) “é uma narrativa difícil de classificar”:

Lembra-nos muito *Macunaíma* de Mário de Andrade, pelo seu caráter de rapsódia e sua semelhança com as canções de gesta. Seu personagem central é a reelaboração de um mito da época das contendas missioneiras e, de certa forma, alegoriza a sobrevivência da tradição gauchesca na modernidade. (p.201)

De fato foi através da temática regionalista, “da vontade de cantar e contar a história e os costumes do povo” que Rillo obteve seus maiores prêmios. Porém, o que chama atenção em sua obra é o processo de experimentação de linguagem e de formas que viveu o escritor em cada obra, processo que fica evidente com a escrita em gêneros variados e em textos como o “Finado trançudo”.

Ficará a cargo dessa pesquisa analisar em que medida a obra de Rillo abandona os estereótipos regionalistas e lança-se ao texto com temáticas diferentes atingindo a universalidade.

## 5 RILLO E A SUA LITERATURA

Rillo tem seu primeiro livro publicado em um período em que o Movimento Tradicionalista Gaúcho buscava seu fortalecimento, como dito no capítulo quatro. Em 1947, eclodia no Rio Grande do Sul o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) e esse propunha alinhar e documentar as características comuns ao homem gaúcho para que, assim, houvesse a preservação dos costumes e da cultura difundidos nos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs)<sup>14</sup>.

Naturalmente, independente dos motivos políticos imbricados nessas ações<sup>15</sup>, os jornais da época incentivavam a literatura que poderia auxiliar no papel de preservar a cultura sul-rio-grandense, e para isso dispunham de espaços para a publicação de textos literários. Esse apoio ao Movimento Tradicionalista originou um “ressurgimento” da literatura regionalista. Muitos escritores inspirados por Simões Lopes Neto, nome que serve como marco do regionalismo sul-rio-grandense, voltaram-se às antigas temáticas.

A partir de 1954, os principais jornais do Estado como “O Debate” de Santo Ângelo, “A Hora” e o “Correio do Povo” de Porto Alegre, “A Coxília” de Santiago entre outros, passam a publicar constantemente os poemas de Apparício Silva Rillo. Juntamente com os poemas do autor, a crítica expunha Rillo como um grande nome da “nova poesia gauchesca”, cujos versos apresentavam “apuro na escrita” e “riqueza de imagens”<sup>16</sup>.

Ao publicar, em 1959, “Cantigas do tempo velho” e “Violas de canto largo” Rillo comprova o porquê de ter seu nome entre os regionalistas. Ambos os livros contam com poesias de cunho puramente tradicionalista; expressões como “cuia”, “chimarrão”, “campanha”, “gaudério” entre outras ligadas ao universo regional estão presentes em quase todos os poemas, a temática é a mesma de escritores que o antecederam : o pampa e o gaúcho. Temáticas repetidas à exaustão. Reavaliando

---

<sup>14</sup> Dados obtidos em: <http://www.mtg.org.br/>

<sup>15</sup> Ver mais em Zilberman (1980).

<sup>16</sup> Comentários encontrados nos jornais “O Debate” (1955) e “A Semana” (1956). No Anexo C deste trabalho (tiradas do acervo pessoal do autor).

seus primeiros escritos durante os anos 80, no prefácio da reedição de uma das duas obras, Rillo diz:

Uma e outra obra (...), embora a boa receptividade do público leitor, tanto que se esgotaram em menos de dois e um ano, respectivamente, parecem-me, hoje, carecer de um melhor cuidado formal, de um mais acabado tratamento de estilo, de aprofundamento e escolha mais acurada de temas. Em suma, enfeixam, com algumas exceções, trabalhos que classificaria como de principiante. (RILLO, 1984, p. 11)

Essa capacidade de depositar um olhar crítico sobre a literatura que produziu trouxe mudanças significativas às obras que publicou posteriormente. Rillo, que compôs canções concomitantemente à sua escrita literária, relegou à música a tarefa de documentar a região e na literatura apostou em modificações abraçando a necessidade de aprofundamento a que se referia na citação anterior.

Na poesia, em “São Borja aqui te canto” (1970) e “Caminhos de Viramundo” (1979), dá os seus primeiros passos em direção ao Modernismo. No primeiro livro o poema “Nossa Senhora dos Navegantes no seu dia de festa no Passo de São Borja” brinca com o ritmo, por meio de onomatopéias, e com a forma de maneira original, aproveitando-se da tendência concretista.

Festa no rio.  
O rio Uruguai está corado de contente.  
O rio está trêmulo de ventos e ansiedade.  
Vai receber Nossa Senhora dos Navegantes  
sua madrinha boinha  
que ele só vê uma vez em cada ano.

...  
E Nossa Senhora vem  
da Capela centenária.  
Não pesa nem um tiquinho  
No ombro dos marinheiros.  
Vem toda repartidinha  
no coração dos devotos  
– cada qual trazendo um pouco  
não pesa para ninguém.

...  
Chhhhhhhhhhhhhhhhh – à cum pão!!!!  
A molecada corre para apanhar a vareta  
Que desprendida da carga do foguete  
vem

d  
e  
s  
c

e  
n  
d  
o  
arranhando...  
o esmalte do céu. ( p. 69)

Em “Caminhos de Viramundo” (1979) podemos perceber a ampliação dos horizontes temáticos do Escritor como no poema “Aprendizado”.

#### Aprendizado

Um poema não é algo que se apanhe no ar  
como a um pássaro que se cativa para o canto.  
Um poema não é algo que se apanhe na terra  
como a flor que se colhe para o vaso.  
Um poema não é algo que se apanhe nas águas  
como um peixe para a luz dos aquários.

Não.

O poema não se apanha.

O poema desce na gente como um sopro do alto  
para transfigurar-se em música e beleza  
na sesmaria branca do papel.

Nasce como um filho das entranhas da mãe  
na hora certa da vida.

Nem antes,  
nem depois.

Sempre na hora certa da vida

- que nunca é a hora certa

dos que tentam buscá-los  
no longe onde ruminam verdes e horizontes  
como estranhos animais de outras esferas.

A hora do poema não é a hora da obediência.

Não é nem mesmo a hora dura dos poetas.

O poema não tende a quem o chama

Como um cão ao assobio, ao nome.

Porque existe sem ver, vem por suas asas  
como vem a liberdade

e vêm os ventos.

E aí se entrega como a bem-amada

- flor para as mãos de quem não tinha nada. (2005,p.46)

Em uma primeira leitura, é evidente a diferença entre esse e seus outros trabalhos em relação à linguagem, que mostra-se completamente desvinculada das expressões gauchescas presentes em seus dois primeiros livros publicados. A segunda questão é a temática. Em “Aprendizado” temos como tema o “fazer

poético”. Primeiramente o eu lírico utiliza-se de metáforas para explicar o que o poema não é, fica claro na primeira estrofe que o poema não é algo palpável, algo concreto que pode ser recolhido de algum lugar. A segunda estrofe diz que o poema nasce na hora certa, e de forma imprevista, sem controle do poeta, o qual podemos inferir, serve apenas como mediador desse processo, visto que o poema vem como vento e pelas suas próprias asas, entregando-se para aquele que nada possuía.

Vemos que Rillo, aqui, se alinha às produções de Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Mello Neto, Fernando Pessoa, utilizando a metapoesia. Dessa forma, sua produção excede os limites da literatura que havia produzido até então, alcançando a universalidade do texto.

Boa parte dos escritores utiliza o metapoema (ou metapoesia) para dialogar com suas produções. Sob esse aspecto, entre outros, Apparício Silva Rillo se encaixa perfeitamente no patamar de poetas consagrados pelo cânone. Daí a importância do estudo de sua obra literária.

O auge do amadurecimento de Rillo, porém, deu-se com a publicação de “Doze mil rapaduras e outros poemas” (1984). Consoante Bertussi:

Tanto Apparício Silva Rillo cresceu na maestria da lida com as imagens, a sintaxe e a elaboração sonora do poema, escolhendo a palavra justa, criando poesia, na verdadeira acepção do termo, que superou o Regionalismo para escrever *Doze mil rapaduras e outros poemas*, uma excelente reunião de textos. (BERTUSSI, 1997, p.200)

Em “Doze mil rapaduras e outros poemas” (1984), temos poemas como “Síntese”:

#### Síntese

De tudo me ficou nada:  
- minha síntese de vida.  
Restou-me a linha perdida  
do que foi a minha estrada.

Nela os timbres de meu passo  
e um vento para varrê-los.  
O pó no fio dos cabelos  
enlunarados e escassos.  
Na pele o beijo mordido  
na faca em alva dos dentes  
- o ontem que de repente  
me grita o corpo perdido.

Meu tempo no calendário  
 roto de rasgos e ratos  
 e um cansaço de sapatos  
 nas vergas do itinerário.

O adeus na carne da palma  
 (bandeira à brisa dos ares)  
 e o sal de pedra dos mares  
 flechando abismos de alma.

De tudo me ficou nada:  
 um nome,  
 o pó de uma estrada. (2005, p.48)

Neste poema Rillo alcança uma significativa profundidade reflexiva, fazendo um exercício repetido por escritores eternizados por suas obras poéticas. Rillo transita com maestria entre a importância da mensagem e o zelo com a forma. O homem que se volta para si, olha-se como produto do tempo e entende a verdade absoluta de si: “de tudo me ficou nada”. Além do peso da mensagem que guia o poema, o poeta cria imagens que corroboram de forma lírica e universal com a temática. Podemos ver isso claramente nos dois primeiros versos da penúltima estrofe: “O adeus na carne da palma\ (bandeira à brisa dos ares)”. Este homem que se despede, a palma da mão como bandeira, como um lenço de adeus. Rillo é capaz de ultrapassar a própria criação poética, reconstruindo-se e ampliando seu olhar sobre o ser, sobre a vida, sobre o mundo.

A partir da década de 80, Apparício Silva Rillo investe a sua escrita na produção de textos ficcionais. Em 1983, publica o primeiro livro da série “Rapa de Tacho”, uma coletânea de “causos” gauchescos, cuja venda ultrapassou os 140 mil exemplares em suas 60 edições<sup>17</sup>.

O caso, ou caso, é constante na literatura regionalista sul-rio-grandense, visto a sua proximidade com as histórias contadas nos galpões de estâncias para passar o tempo. Dessa forma, está intimamente relacionado às narrativas orais. Diferentemente do conto, o caso não quer ser ficção, pretende ligar-se ao real, inclusive acionando testemunhas para a comprovação das histórias narradas. Dentre

---

<sup>17</sup> Números encontrados em “Rem-rem da faca na pedra” (1990), também publicado pela editora Tchê.



os “causos” mais conhecidos temos o de Simões Lopes Neto, “Casos de Romualdo”. Para Moreira (1982);

O caso, ainda que gênero ficcional, não quer ser ficção, mas realidade. Através do caso, é presentificado um passado que não agrada o gaúcho seja esquecido. Neste passado, constituiu-se sua história e formou-se o tipo ideal do gaúcho, herói de toda prosa de ficção regionalista. (p.44)

Para Rillo, os textos de “Rapa de Tacho” não poderiam ser considerados literários, justamente por possuírem esta carga de realidade, que para o autor serviria mais como documentário da nossa cultura. Rillo explica, ainda, o porquê de uma obra como essa em meio as tantas modificações e distanciamento do regionalismo sul-rio-grandense presentes em seus trabalhos anteriores. Na apresentação de “Rapa de Tacho 4” diz:

Os RAPA DE TACHO foram escritos de caso pensado, para fazerem divertir, no seu registro legítimo do humor dos homens simples da campanha que resiste na última estacada. E, subsidiariamente. Com a intenção de salvar do esquecimento as expressões peculiares, os ditados, as comparações e frases-feitas - o modo de falar de nossos gaúchos com pouca escola e muita picardia. Os meios de comunicação, especialmente a Tv por seus vários canais invasores, vêm nivelando a linguagem brasileira, aplainando perigosamente as expressões regionais, “mesmando” a fala do povo que se emprenha pelos ouvidos e cede às “novidades” fabricadas pelos redatores e humoristas de plantão. (p.9)

O discurso citado segue os moldes da fala de Barbosa Lessa utilizada no capítulo quatro deste trabalho; demonstra uma espécie de resistência à diluição da cultura e da linguagem peculiar do gaúcho em meio à globalização. Porém, o que podemos perceber em vários causos de “Rapa de Tacho” é que, apesar dele buscar contar e preservar esse gaúcho, sua linguagem e cultura, esse já não é mais o mesmo como a nossa análise demonstra a seguir.

Em “Rapa de Tacho I” (1982), no caso “Getúlio III”<sup>18</sup> (p.75) , é contada a história do contato de Getúlio Vargas com os populares durante a campanha política de 1950. Nesse caso é possível perceber a intenção de rememorar a história e esta

---

<sup>18</sup> Anexo D.

ser vista sob o olhar do povo. Getúlio, que estava no Nordeste, pára em uma casa simples para beber água e descansar, enquanto isso conversa com os donos da residência, homem e mulher analfabetos e que por isso não poderiam votar. O leitor é apresentado aqui, não à realidade do estado do Rio Grande do Sul, apesar do político ter em nossas terras nascido, mas à realidade do povo que vivia afastado e em um local sem condições educacionais para si e para seus filhos. A promessa de Getúlio para o casal de que caso eleito espalharia escolas por todo o país, inclusive próximo à residência do casal, não é diferente das promessas feitas hoje em dia. Apesar do tom de humor presente nesse, assim como em todos os outros causos da série “Rapa de Tacho”, representado pelo ditado popular ao final do texto, a crítica social está presente e podemos concluir que esse não é um texto necessariamente local, pelo contrário, poderia estar alocado na literatura de qualquer outro Estado.

No final do caso, Rillo conta a história do emprego conseguido por Getúlio para um estudante recém-formado em no Curso de Direito. Ao compararmos as duas histórias podemos refletir sobre as questões de poder, o poder público e o poder pessoal. Fica a pergunta se Getúlio conseguiu cumprir a promessa feita ao casal tão rapidamente quanto pode cumprir com o estudante.

Tanto no caso citado, como nos outros presentes na série, com exceção de poucos, nem o personagem gaúcho nem o espaço das narrativas têm a pretensão de fixar o tipo idealizado presente na literatura regionalista sul-rio-grandense no período Romântico e nas primeiras publicações do autor. Apesar da presença de expressões locais como “guri”, “china”, “pilcha”, “peonada” entre outras, a temática é diversa e não está presa à descrição apenas do homem do campo. São histórias em que se estivessem ausentes tais expressões poderiam ser o reflexo das experiências de qualquer homem localizado em qualquer região do país.

Os tipos descritos por Rillo também não podem ser considerados heróis, pelo contrário, entre eles vemos a presença de homens violentos, contrabandistas, simples homens do campo, cujo caráter não pode ser considerado virtuoso como propunha o regionalismo inicialmente. Os personagens desenvolvidos por Rillo na série “Rapa de Tacho” são homens comuns que estão presentes em todas as esferas sociais ainda na atualidade: o político, o cantor, o homem do campo, o jornalista, o bêbado entre tantos outros. Enfim, a série prioriza mais o relato do

cotidiano, muitas vezes de forma crítica, desses homens do que em si a fixação de tipos e do espaço em que são narrados os causos.

A análise da série “Rapa de Tacho” corrobora com a crítica de Bertussi (1997) quanto às obras de Rillo. Segundo a autora, “há no Autor a preocupação com o social e o desvendamento da realidade contundente dos menos privilegiados”, Bertussi (1997, p.200). Quanto à série em questão, a autora diz ainda que são:

Caracterizados como relatos em geral cômicos e fantasiosos à maneira dos Casos de Romualdo. Que podem, além de distrair e divertir o leitor, passar um feixe de traços de comportamento do gaúcho de ontem e de hoje, sua vida cotidiana e suas relações com o homem da cidade. (1997, p.202)

A escolha de Rillo, para quem havia na poesia chegado a vislumbrar o aprofundamento poético, pode parecer um retrocesso. Não existe de fato um aprofundamento humano na escrita de “Rapa de Tacho”, serve mais como um retrato da sociedade de diferentes épocas e locais. Mas, como justifica a citação do autor, “Rapa de Tacho” foi escrita para divertir, quem sabe retratar e dar voz ao “povo”, mas, principalmente, para satisfazer o sentimento de nostalgia deixado pelas mudanças sociais e econômicas que aconteciam no estado.

Seguindo suas “andanças” pelos diversos gêneros, Apparício Silva Rillo, escreve a coletânea de contos “Rem-rem da faca na pedra”, em 1990 pela editora Tchê, que havia publicado o sucesso editorial “Rapa de Tacho”.

Consoante Bertussi (1997, p.201), “Rem-rem da faca na pedra” “é uma reunião de narrativas curtas que pode lembrar Guimarães Rosa pelo poder alegórico da exploração do regional”. Podemos dizer mais ainda, seus contos são densos e repletos de sentimentos e sensações intocados pelo autor em outras obras, uma obra madura e com preocupações apenas literárias, diferente da série analisada anteriormente. Talvez por esse motivo Rillo pode aventurar-se por temas tão excêntricos, visto seu compromisso apenas com o “fazer literário”, como em “Primeira vez”<sup>19</sup> (p.103).

---

<sup>19</sup> Anexo E.

“Primeira vez” é ambientada no espaço rural e narra a experiência da chegada da puberdade de uma adolescente e com isso os sentimentos conflitantes do momento que vivia. É narrado o medo e ansiedade pelo momento de virar mulher e as mudanças que lhe ocorreram do dia para noite, representado pelo “olhar-se pela primeira vez no espelho” para conhecer a nova forma “madura” que envolveu o seu corpo. Seu texto mostra a lucidez com que vivencia as mudanças no crescimento da menina, enfatizando o quanto o momento é angustiante.

Rillo explora o fantástico em alguns contos, usufruindo de imagens já fixadas no folclore gaúcho como a “cobra grande” no conto “História de cobra” (p.41) ou em “Pelo meio” (p.32), que segundo Bertussi (1997, p.201) tem “alegorizado o conflito criado pela dualidade da mulher urbana que vai morar na zona rural”.

No primeiro conto, que dá nome ao livro, “Rem-rem da faca na pedra” (p.9)<sup>20</sup>, é narrada a história da traição de um homem a seus “parceiros” do contrabando e a sentença dada a ele, amarrado pela camisa a um negro, ambos com as pernas nuas e prestes a duelarem. A narrativa densa e descritiva de Rillo faz com que consigamos sentir a angústia e vivenciar o momento, nos transportando ao local e ao momento em que esses dois homens lutariam pela sobrevivência. Sobrevivência essa, que aparece também na necessidade da subsistência, motivo que os direcionou aos caminhos do contrabando, mas mesmo aí, na ilegalidade, existem regras e a traição não é perdoada.

A necessidade de subsistência e o sentimento de incapacidade frente ao destino são alguns dos problemas do homem moderno e que, por vezes, o leva a tomar decisões que entram em conflito com o que é ou com aquilo que acredita; conflitos que podemos considerar universais.

O conto “A sombra” (p.71)<sup>21</sup>, uns dos mais curtos do livro, utiliza como objeto de reflexão a sombra de um homem. No texto o narrador diz que aprendeu desde muito cedo que “mais vale a sombra do que o vulto” e que é a sombra que devemos temer. Podemos inferir que essa sombra seja a que todos em nós carregamos, o nosso lado obscuro onde convivem os monstros como “lobisomens e corujas de

---

<sup>20</sup> Anexo F.

<sup>21</sup> Anexo G.

guampas” que buscamos manter afastados do nosso cotidiano ou, até mesmo, nossos segredos mais profundos, o próprio cotidiano e a rotina, . É à sombra que devemos temer, não ao homem narrado por Rillo, visto que a sombra muda (dependendo do horário do sol), mas “ao seu corpo, seus olhos e cabeça” têm pleno domínio. Essa narrativa pode ser considerada contemporânea e universal. É possível perceber a capacidade reflexiva na utilização da metáfora sombra, como aquilo que todos nós desejamos ocultar até de nós mesmos, mas que é inerente ao homem, o lado bom e o lado ruim da humanidade.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que perpassa todos os momentos e o que individualiza a literatura regionalista no Estado, sem dúvida, são os temas relacionados ao campo e ao homem que vive dele, assim como a história geográfica e cultural da formação do Rio Grande do Sul. Embora o olhar unicamente regionalista tenha dado espaço às novas temáticas a partir da década de 30, ele não se extinguiu por completo das nossas narrativas e poesia, como vimos nos capítulos anteriores. As peculiaridades locais estiveram presentes na linguagem, nos personagens e no espaço, porém com um olhar mais humano à sociedade e para aquilo que nos constitui como indivíduos. Anteriormente o espaço fazia o homem, agora o homem, aquilo que nos é inerente, se sobrepõe ao espaço.

Vimos, nesse estudo, que Neves (1999) divide o regionalismo em, no mínimo, quatro fases sendo as mais relevantes: a romântica, de onde provém o mito do gaúcho; a tradicional em que temos publicado “Contos gauchescos” de Simões Lopes Neto; uma terceira, em que as narrativas se abrem para o Modernismo e a última em que convivem o tradicional, as novas temáticas e a crítica social.

Quanto à localização de Rillo na literatura regionalista sul-rio-grandense, sugerimos que sua obra transita entre as fases propostas por Neves(1999). Poderíamos dizer que seus primeiros trabalhos estão localizados entre a segunda e terceira fase, já que são permeados pela imagem do “homem do pampa”, embora mais humanizado, e por temáticas e expressões tradicionalistas. Como vimos em nossas análises, outra parte de sua obra estaria localizada na quarta fase regionalista, visto a experimentação de novas temáticas juntamente com a convivência com características mais tradicionais do Regionalismo, como o espaço, alguns traços do sotaque gaúcho e, também, a crítica social que, como sugere Neves (1999), faz parte dessa tendência.

Como Pozenato (1974), acreditamos que o que se opõe ao universal em um texto é o particular. Sendo assim, textos regionalistas são capazes de extrapolar a esfera do localismo e alcançar a universalidade por meio da, segundo Luiz Marobin (1985), “consciência dos problemas universais do homem da região e do homem de todos os tempos”.

Pode-se concluir que Rillo teve uma grande contribuição no regionalismo sul-rio-grandense, auxiliou na fixação de nossa cultura, mas que isso não limitou sua criatividade e nem relegou a sua obra o *status* de superficialidade, pois soube abrir-se para encontrar o aprofundamento necessário à universalidade do texto. Soube, através da sua escrita, aproximar o homem do pampa ao homem em geral, aquele cuja representação é um pouco do que encontramos em cada um de nós, imerso em conflitos sociais, repleto de sentimentos complexos, vazios e sombras que são naturais do indivíduo em “construção”. Dessa forma, acreditamos que a literatura de Rillo pode nos ajudar a revelar indivíduos e vivenciar experiências – fantásticas ou reais -, papéis que cabem à verdadeira obra literária.

## REFERÊNCIAS

BERTUSSI, Lisana. *Literatura gauchesca do cancioneiro popular à modernidade*. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. *O Conto sul-rio-grandense: tradição e modernidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

LESSA, Luiz Carlos Barbosa. *Nativismo*. Porto Alegre: LP&M, 1985.

MAROBIM, Luiz. *A literatura no Rio Grande do Sul; aspectos temáticos e estéticos*. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1985.

MOREIRA, Maria Eunice. *Regionalismo e Literatura no Rio Grande Do Sul*. Porto Alegre: EST/ICP, 1982.

PASAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. 4ªed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Prosa de ficção*. 2ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

POZENATO, José Clemente. *O regional e o universal na literatura gaúcha*. Ed. Movimento, 1974.

RILLO, Apparício Silva. *Rapa de Tacho 1*. 2ª ed. Porto Alegre: Tchê, 1982.

\_\_\_\_\_. *Rapa de Tacho 2*. 8ª ed. Porto Alegre: Tchê, 1983.

\_\_\_\_\_. *Rapa de Tacho 3*. 5ª ed. Porto Alegre: Tchê, 1984.

\_\_\_\_\_. *30 anos de poesia*. Porto Alegre: Tchê, 1986

\_\_\_\_\_. *Rapa de Tacho 4*. 2ª ed. Porto Alegre: Tchê, 1989.



\_\_\_\_\_. *Rem-rem da faca na pedra*. Porto Alegre: Tchê, 1990.

\_\_\_\_\_. *Antologia Poética*. São Borja: Corag, 2005.

RODRIGUES, Odiomar. Entre o regional e o universal. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, Ano 18, nº 52, p. 66-80, jan./abr. 2012.

SCALCO, Maria Izabel Guimarães. *Era uma vez um poeta...: fragmentos da vida e obra de Aparício Silva Rillo*. Porto Alegre: Faith, 2010.

ZILBERMAN, Regina. *A Literatura no Rio Grande do Sul*. 2ª série. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1980.

## ENDEREÇOS ELETRÔNICOS

Artigo sobre a relação entre mídia e literatura de autoria de Marcelo Rocha e Lucas Aristelo.

Disponível em: < [http://www.igtf.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/04/ASRILLO\\_O-talento-de-chap%C3%A9u-na-m%C3%A3o.pdf](http://www.igtf.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/04/ASRILLO_O-talento-de-chap%C3%A9u-na-m%C3%A3o.pdf) > Acesso em 02/04/2013

Biografia de Rillo. Disponível em: < <http://www.paginadogaicho.com.br/escr/asr-bio.htm> > Acesso em 25/04/2013

Reportagem sobre o festival da Barranca 2013, disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-lazer/segundo-caderno/noticia/2013/04/festival-da-barranca-reuniu-cerca-de-300-pessoas-a-beira-do-rio-uruquai-4092409.html>> Acesso em: 25/04/2013

Site oficial do Grupo “Os Angüeras”.

Disponível em: <<http://www.angueras.com.br/>> Acesso em: 24/04/2013

Site oficial do Movimento Tradicionalista Gaúcho.

Disponível em: < <http://www.mtg.org.br/> > Acesso em : 20/03/2013

ANEXOS A - Publicação do convite da peça de teatro “Domingo no Bolicho”.

*Peça apresentada no Teatro Variedade, em São Borja*

# DOMINGO NO BOLICHO

Peça crioula em 3 atos, de APPARICIO SILVA RILLO

Apresentada pelo

## Grupo Nhú-Porã de Teatro Amador

### ELENCO

SEU MANDUCA — Bolicheiro	Cláudio O. Rodrigues
ZÊ DA COSTA Tropeiro de mulas	Luiz C. da Silva
DIOCLECIO—Peão mensal	L. M. Osório de Souza
CEL. FEDEGOSO—Estancieiro	Rony Carvalho
RABUSTIANO—Tropeiro de mulas	Telmo Freitas
XERENGA—Peão mensal	Francisco Corrêa
XIRÚ Tropeiro de gado	Percival C. de Souza
PEDRO GRANDE—Gaiteiro	Pedro Carvalho
MACÁRIO—Peão mensal	Apparicio S. Rilo

— !! —

Peça em três atos, calcada em motivos regionais riograndenses. A ação da peça desenvolve-se num único dia, domingo, entre as quatro paredes de um bolichão de campanha. Cenas do nosso cotidiano campeiro na interpretação de elementos amadores.

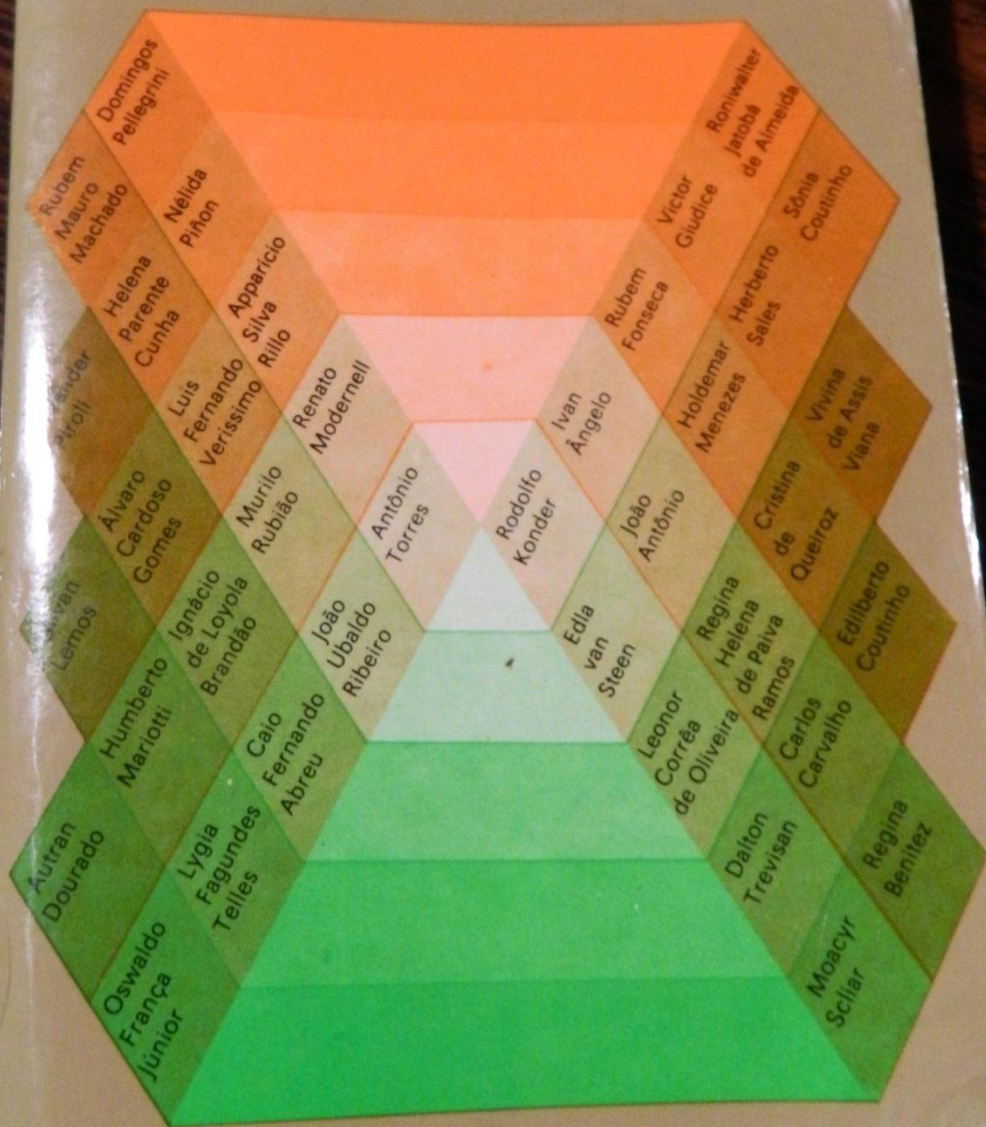
— !! —

Esta peça é levada à cena com finalidade exclusivamente beneficente. Tôda e qualquer renda dela originada destina-se a auxiliar a construção da Igreja (futuro Santuário) de N. Sra. de Fátima, em Nhú-Pora.

*Em 2. 12. 1956*

# Erkundungen

38 brasilianische Erzähler



ANEXO C – Recorte do jornal “O Debate” (1955) e do jornal “A Semana”(1956).

*O Debate - 11.12.55*

O regionalismo está acontecendo em versos. Versos de Stiva Rillo com muito apuro. Este moço que é um elegante peão ali da estancia do Pito Aceso e vive no retiro de Nhu-Porã, está sendo uma verdadeira maquina. Tem aparecido no “Diario Popular” de Pelotas e esta semana fez sua estreia na “A Hora” apresentando “CUSCO CEGO”. Um trabalho de verdadeiro poeta e poeta muito apegado ao nosso rincão Gaucho. Com «A Filha do Patrão» estará breve em nossas paginas e mais ainda teremos de futuro. Em bom estilo e grande facilidade, o tal indio produz mesmo em massa. Agradeço e continuo na espera. Eu e os leitores tambem, disso estamos certos.

"A SEMANA"  
S. Francisco de Assis  
10/5/1956

REGIONALISMO

Publicamos, hoje, «PETIÇO VELHO», da lavra de APARÍCIO SILVA RILLO, regionalista da novíssima geração, residente na missioneira SÃO BORJA, onde é posteiro do C. T. G. «PITO ACÊSO».

Julgamos supérfluo dizer da qualidade de seu estro, mais que conhecido dos apreciadores da poesia gauchesca pura, que nele reconhecem o intérprete seguro e inspirado da alma pampeana.

O peticinho maceta de APARÍCIO relembra velhas vivências do passado de todos nós. Os sonhos do guri seu dono, suas carreiradas e suas andanças perdidas na longura dos tempos, recordam momentos alegres e despreocupados daqueles dias distantes da infância.

O lirismo quase comovente que o poema espelha em suas estrofes magníficas, assinala um aspecto marcante, — dominante mesmo — na vida do gaúcho, para quem o cavalo não é somente a montaria, o meio de locomoção seguro e contínuo, mas é também o companheiro inseparável, o confidente dos seus anseios e das suas alegrias, o parceiro eterno dos sonhos simples que povoam a sua alma...

## Petiço Velho

*Apparicio Silva Rillo*

Peão do «Pito Acêso» CTG — S. Borja

Este petiço  
veterano aqui da Estância,  
foi o meu pingão de infância,  
meu orgulho de guri...  
Crescemos juntos,  
ano a ano, lado a lado,  
mas êle contou dobrado  
os anos que eu já vivi,  
Caramba!  
está velho o meu petiço...  
Carrega no olhar mortiço  
que olha para o vasio,  
tristezas de águas paradas  
de um cotovêlo de rio.

Petiço velho!  
vai de cima do teu lombo

Quanta carreira embrulhada  
na cancha reta da estrada  
tu me fizeste ganhar!  
Quanta tropa de mentira  
reponteí estrada a fora  
te cutucando com a espora  
nervosa do calcanhar!

Petiço velho!  
tua última carreira  
pouco a pouco se aproxima,  
e o piá não vai em cima  
pra levar-te ao vencedor...

Não corras muito  
porque a carreira é perdida...  
Na califórnia da Vida

ANEXO D – “Causo” *Getúlio III*, de “Rapa de Tacho I” (1982, p.75).

### GETÚLIO III

Getúlio e Luzardo, com mais alguns companheiros, transitavam pelo interior do Nordeste em campanha política, em 1950.

Estradas brabas, muito calor, poeira, comidas não muito ao gosto do candidato à presidência.

Próximo de um lugarejo onde estava sendo preparado um comício de expressão, estraga o jipe onde a dupla viajava. Enquanto o motorista providenciava no conserto, Luzardo convidou Getúlio a irem até um rancho próximo, a cuja frente se postavam o que seria o dono da casa, sua mulher e uma rédua de guris barrigudos. Getúlio aceitou convite. Pelo menos sombra e uma caneca d’água haveriam de conseguir.

Para pasmo do cabloco dono da casa, foi-lhe apresentado o doutor Getúlio. Se pudesse votar, afirmava, o voto era dele, Getúlio. Infelizmente, como a mulher e os filhos, era analfabeto. O candidato, cordial, após beber a água fresca da caneca de lata, prometeu que, se eleito, mandaria construir centenas de escolas pelo Brasil afora. Uma delas, tivesse o cabloco certeza, próximo de sua casa. Seus filhos haveriam de estudar.

Luzardo, curioso como sempre foi, indagou do cabloco:

- Que me diz o amigo do brigadeiro Eduardo Gomes? Será que tem chances contra o doutor Getúlio?

O cabloco coçou a cabeça. E saiu-se com esta riqueza de filosofia popular:

- Nunquinhas, doutor. Espingarda que nega uma vez não merece confiança.

• • • •

A época do Estado Novo, Getúlio foi convidado a paraninfar uma turma de Direito, na Universidade do Rio Grande do Sul. Compareceu à cerimônia, escutou com atenção os discursos do reitor e do orador da turma. Na saudação aos formandos, lá pelas tantas saiu-se com esta colocação:

- Não tenho condições pessoais de presentear a todos vocês, embora o desejasse. Proponho que escolham, dentre a turma que hoje recebe seu diploma de bacharel, o aluno que, a critério de suas consciências, tenha sido o melhor companheiro e revelado dotes singulares no campo do Direito. A ele, representante da turma, darei o presente que desejaria a todos, sem qualquer distinção.

Após a cerimônia, foi-lhe levado o nome do escolhido.

Uma semana após o novel bacharel era nomeado promotor de Justiça em Porto Alegre.

ANEXO E- Conto *Primeira vez*, de “Rem- rem da faca na pedra” (1990, p.103)

### PRIMEIRA VEZ

Tinha chegado o fio de sangue, aquela mancha marrom-escuro na calcinha de morin, a dor no ventre, o meio medo com jeito de meio alegria no relógio no peito fazendo tique-tum.

Não chamaria pela mãe, no quarto ao lado. Não carecia. Mãe e avó, e a irmã mais velha que morava perto, há muito que alertavam, repete que repete, que quando o sanguinho baixa dos adentros e se derrama que nem borra de café e dói a barriga, é que Deus mandou que a menina se fizesse mulher, pronta para a vida, perigando pegar cria se abrir as pernas e deixar que ponham.

Tinha baixado sanguinho. Era a primeira vez e agora, ela sabia, a cada mês desfolhado ele viria junto, doedor, pedindo água de chá e pano encalorado e ferro-de-mão entupido de brasas vermelhonas.

Saltou do catre, passou pela mãe que recém acordava os olhos sobre uma chaleira onde aquetava a água para o primeiro mate do sai amanhecendo entre cantos de galos.

- Tu vai adonde, a esta hora? - a pergunta da mãe.
- No rio. Vou me lavar. Não posso?
- Pode, mal-educada. Na volta traz um pau de lenha ou uns gravetos.

Apenas olhou para a tina com água, ao lado do galpãozinho, onde todos se lavavam ao abrir da manhã. Foi andando pelo trilho sovado a pés, sentindo nos tornozelos o friúme do sereno no capim, com ela até o rio. a água do Uruguai, pelo contrário, estava moeran e quieta, ainda não escovada pela palha da brisa se anunciando nas ramas lá de riba. Nem viva alma por perto. A folhagem dos sarandis na ponta de pedra a escondiam de alguma visada corujeira.

Com a água pelo Joelho, que morninha!, sungou a saia para o alto da cintura, sacou a calcinha e ficou a olhar-se mergulhada no rio – a sua estampa nele, quase que num espelho como o do roupeiro da mãe, só que sem manchas: as mãos a subirem as roupas, o traço vivo das pernas, no encontro delas o desenho escuro dos pelinhos. Marca da moça, os pêlos concentrados, umedecidos agora pelo sangue



que fluíra na noite, que sentira descer do ventre para marcar-lhe a pele, escrever-se nela como um desenho de tinta.

Lavou-se com vagares, mãos que descem e mãos que sobem e alisam, uma estranha lassidão a habitar-lhe o corpo, indiferente, ela e ali, à picada dos lambaris que surdiram com as luzes do sol que subia redondo sobre o rio estendido em sua caixa.

Ao pôr-se sobre as pedras, pareceu-lhe que havia crescido, os peitinhos mais salientes – um dia seriam como os da irmã, redondos e duros como laranjas que levaram geadas. As ramas do sarandi, antes tão altas, estavam a meio palmo da cabeça com tranças.

Subiu a barranca, medindo passos pelo trilho sovado, mãos alisando a saia úmida de rio. Cruzou sem olhar pela mãe que amilhava as galinhas, cacarejos e grãos no chão riscado.

A mãe, olhante, não perdeu a valsa:

- Que é que tu tem, guria, caminhando dura que parece que engoliu um caniço de pesca?

Pobre da mãe, não sabia de nada, dela que se fizera moça no exercício da noite. Empinou a cabeça e entrou pela porta. Tinha um espelho para olhar-se pela primeira vez.

ANEXO F- Conto *Rem-rem da faca na pedra*, de “Rem-rem da faca na pedra” (1990, p.09).

### REM-REM DA FACA NA PEDRA

Despidos das calças, pernas à mostra – negras de um lado, branconas de outro - , amarrados pelas camisas num nó de pano molhado, olhavam-se os dois. O negro, suficiente, uma arrogância no porte, peito empinado de músculos, mãos cruzadas às costas, esperando a hora do riso se fazer rugido. O branco e miúdo a retorcer as mãos, olhos correndo como se pudessem, de repente, levar o corpo dali. Entre os dois, os panos amarrados, firme amarrados num nó de prender doido. O branco tentava recuar, o negro estático, o pano se estirava em pele de tambor.

Vinte par de olhos. Olhando. Para alguns a primeira vez; para outros uma segunda, uma terceira. Contrabandista que traía a comparsa – a lei do chefe -, matava ou morria.

- Tu traiu a gente. Tu que avisou a guarda, morreu o Diabinho, minhas confiança, guri bom para levar caminhão, conhecia as estradas como ninguém, o chão dos atalhos, carga na mão dele era farinha entregue. Tu traiu a gente, tu sem nome, Judas não tem nome.

Sobre os olhos olhando, o silêncio com raros pios de aves no campestre do mato, ali onde a farinha argentina era carregada nos caminhões. Todos conheciam a lei do chefe. De ladrão, ele mesmo cortava a primeira falange dos polegares, se dessem parte ficavam jurados de morte. A traidor dava uma chance: duelar à faca, camisas amarradas, com seu negro capanga surdo-mudo, corpo de touro, alma de cão vendida ao dono. Até hoje ninguém lhe escapara. Os três que haviam passado pela prova mal se animaram a empunhar a faca. O negro sangrava rindo, ficava olhando o sangue escorrer na lâmina, passava o dedo, lambia.

• • •

la morrer na mão daquele negro, a faca enfiada no caracu do peito, o corpo pesado de pedras atirado num perau da ilha Chica, no Uruguai, sua carne para ceva de peixes, na sombra negra no fundo. la pelear, o chefe só mandava entregar as

facas, iguais e bem afiadas, depois de longos minutos de careio – olhos nos olhos, próximos de corpo de se poderem cheirar a catinga dos sovacos.

Pedir perdão já pedira, se humilhara, um cusco sarmento rastejando. Ele tinha mesmo denunciado o contrabando grande, seis caminhões afogados de farinha, atalhando pelos campos, faróis apagados. Diabinho olho-vivo no comando. Dinheiro grosso, por isso, lhe viera da Guarda, gastara a metade na zona, gritando que não tinha mulher pobre, de repente apanhado, estava bêbado, quando se deu conta era o chefe plantado a sua frente, encostado num pau de mato, girando um palito mascado nos dentes de cavalo, uns dinheiros na mão.

- Foi o que sobrou da traição? Estas pelegas que compram uma china vadia pra dormir? Por tão pouco, tu sem nome, que teu nome não falo pra não sujar a minha boca? las ganhar muito mais, idiota, se a farinha chegasse no Ijuí, tu não é bobo, ligeiro pro serviço, eu até vinha pensando em te dar uma ajuda, teu pai trabalhou comigo no tempo do pneu, foi um ermão que perdi. Baita cagada que tu fez, cachorro! Conhece a lei da comparsa? Tu vai passar por ela, te prepara!

A Guarda Fiscal, avisada, juntara a totalidade de seus homens, se reforçara com gente da Brigada. Saíram do mato atirando com arma grossa, tinham seis a cavalo, Diabinho foi acertado no tronco do pescoço, o caminhão testavilhou, atravessou-se, o motor apagou, prenderam meio tudo, só dois escaparam. Ele estava junto, se fazendo de preso, na delegacia o soltaram, um maço de dinheiro no forro do boné. Te manda ainda hoje, te some no oco do mundo – lhe disse o chefe da Guarda. Se te pegam, te capam de volta e dão os bagos pros corvos. Ele nem escutou, achou de ir em casa mudar de roupa, chegar nos cabarés da rua do Resbalo, botar morena em cria de mau tempo. Agora ali, amarrado ao negro, o suor a escorregar pelo corpo, um latejo na cabeça, os companheiros de ontem como corvos à volta da carniça. Ia morrer, sem cruz nem cemitério, mergulhado no rio com o corpo empedrado, pra dar peso.

• • •

O rem-rem das facas sendo afiadas na pedra. O riso sem expressão do negro, gengivas roxas sobre os dentes fortes. O chefe cortava uma lasca de carne fria, mastigava e olhava.

- Tão pronto as facas.

O chefe adiantou-se, limpando a boca com o dorso da mão.

- Me dá. Eu mesmo entrego.

Voltou-se para os da roda:

- E ninguém pia, e ninguém vomita que nem corvo, e ninguém se caga.

Meteu-se no contrabando, vendeu a vida, apresilhou seu coração no perigo. É a lei de minha gente, aprendi isso do outro lado, na Argentina. Todos conhecem a lei, que é dura mas é minha, como diz no código.

Apanhou as facas. Uma em cada mão. Ágil, atirou-as para o ar, caçou-as de volta pelos cabos. Experimentou o fio no couro do polegar.

- Tão lambendo. Entram na carne como peixe n'água – Olhou firme para o miúdo de corpo: - A primeira faca é do negro, que vai segurar ela e pôr as mãos pra trás. A segunda é tua, tu sem nome, Judas dos teus amigos – Alteando o tom de voz: - Se tu te mexes antes morre de tiro nos olhos.

Entregou a faca ao negro, que a levou ao nariz, para cheirar. A um aceno do chefe preparou-se, mãos para trás, boca aberta.

• • •

Parara afinal de tremer. A mão que apanhou a faca estava firme, o suor que umedecera já não tinha. Uma raiva de morrer sangrando sem poder ao menos usar a sua agilidade, um gato na briga, um pulo, um salto, uma quebra de corpo, as costas para o sol, a luz nos olhos do contrário. Respirou fundo, olhou á volta, todas as caras se pareciam, o chefe ia dar o sinal, o espelho do rio a trinta metros, o grito de um martim-pescador furando as águas. Aí, uma luz na idéia.

O chefe recuou dois passos, os olhos neles, amarrados.

- Atenção! Quando eu gritar, bem alto, se atraquem.

Antes do grito de Já! sua mão veio com a faca, cortou o pano das camisas de cima para baixo, o revide do negro passou-lhe como um vento, estava livre e correu, o som dos tiros, um grito só, mergulhou nas águas num salto longo, tinha pulmões para quarenta metros, um dia a gente morre – estava escrito -, mas um homem é um homem, um rato é um bicho.

ANEXO G- Conto *A sombra*, de “Rem-rem da faca na pedra” (1990, p.73).

### A SOMBRA

Eu podia ter cem anos mas não tenho. Mas é como se os tivesse. Um século – lasca de pirâmide, olho de esfinge castigado em areia e vento.

Nasci no campo, entre ovelhas e carqueijas, lãs e ramas. Estudei o necessário na cidade, com os jesuítas de batina negra. Antes de me precipitar a rumo de doutor com diploma voltei a esta estância, fortim de avós e pais derrocado pelo punho das hipotecas de cartório. Do pouco que me ficou fiz o meu reino.

Gosto de cavalos, muito e longamente. De mulheres, nem tanto, não as tenho do meu lado em permanência vigiliosa. Uso-as, raro, como a panos de ceroulas – uma necessidade para o corpo. E aprendi, de moço, que mais vale a sombra do que o vulto.

Nela – digo, na sombra – vivem os lobisomens e as corujas de guampa, duas espécies que me amedrontam mais que bote de caninana atijada pelo fogo no campo, no verão.

Ademais – perceba -, é na sombra de seu tronco que as árvores caminham. Mais que isso: tudo quanto não se mova por seus pés se movimenta na sombra que pratica, e aí estão os palanques e pedra e barro. Da sombra vem a morte com seus guizos de abafo e mãos de enxofre. E as doenças de alma e de cabeça. Dela, da sombra.

“Uma vez eu era moço e havia lua numa estrada. De súbito e de espanto alguém me ataca. Minha adaga saiu da bainha como um assobio de cobra, e da bainha do contrário a sua adaga. A cada golpe que eu impunha me respondia o mesmo golpe. A um pontação meu, outro pontação – ia de mim, vinha de lá. A um gesto que eu criava, o mesmo gesto. Só mais tarde percebi, entre horror e encanto, que eu pelejava com a sombra de meu corpo”.

Por isso a respeito. Como se deve respeitar – eu não – a um Cristo em seu cruzeiro, a cruz sendo a sombra do crucificado.

Não se perturbe. Transite ao meu lado, como antes, a me assistir a falar. Meu corpo não é nada, como não é nada uma lança fincada à luz do meridiano, sem mão do homem que empunhe e salve.

Não me tema. Digo, a meu corpo de carne e ossos conjugados, boca e olhos, membros e cabeça. A esses eu domino em seus ímpetos de sangue.

Mas cuide-se, isto sim, de minha sombra. Nela eu não mando. Nela ninguém manda.